
RESENHA

EDUCAÇÃO FÍSICA + HUMANAS

Marta Soares Araujo*

STIGGER, Marco Paulo (org.). *Educação Física + humanas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

Educação Física + Humanas, coletânea de artigos, publicada pela Editora Autores Associados (2015), escrita por renomados pesquisadores da área da Educação Física, foi organizada por Marco Paulo Stigger, doutor em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto e pesquisador de estudos socioculturais em Educação Física. O livro lança luz sobre a situação atual das ciências humanas na Educação Física, por meio da apresentação de um robusto conjunto de referenciais teóricos que subsidiam os estudos da área, além dos resultados de relevantes estudos produzidos sob a lente sociocultural e suas contribuições para a formação profissional em Educação Física.

O título do livro, *Educação Física + Humanas*, nos dá a medida do eixo condutor da obra: a necessidade de investirmos em uma Educação Física mais humana, menos determinista e capaz de superar a hegemonia das ciências biológicas/biomédicas historicamente presentes em seu cerne. Neste sentido, a coletânea se constitui uma consistente crítica ao modelo de política científica vigente, no qual o conhecimento produzido pelas ciências humanas é sacrificado em nome de uma suposta cientificidade estabelecida pelas agências de fomento, órgãos reguladores de pesquisas acadêmicas e variadas demandas mercadológicas.

Composto por onze artigos de diferentes autores, o livro traz em seu primeiro capítulo o texto “*Educação física, método científico e reificação*”, de Valter Bracht. Ao resgatar, brevemente, a passagem da Educação Física de campo de intervenção prática a um campo de produção científica/produção de conhecimento a partir do aporte dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, em meados da década de 1970, o autor busca enfatizar o distanciamento ainda existente na área entre o campo de intervenção e o saber acadêmico, o que acaba produzindo um saber reificado, desconectado das demandas que emanam da prática social e ainda assume uma postura, por vezes, prognóstica e até pernóstica, no sentido de pensar residir tão somente no saber científico a capacidade de responder a todas as necessidades da prática, a partir de postulações acadêmico-científicas baseadas nas ciências naturais e, portanto, fundamentalmente orientada para a objetificação/coisificação do fenômeno estudado, esquecendo que o objeto de estudo da Educação Física, o “movimentar-se humano”, é, antes de tudo, um

* Mestre em Educação Física pelo PPGEF Associado UEL/UEM; professora colaboradora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina (DEF/UEL) e professora da Rede Estadual de Ensino Básico do Paraná – Secretaria de Estado da Educação (SEED/PR).

ato humano e não apenas um acontecimento a ser esquadrihado por uma racionalidade técnica-instrumental, incessantemente reproduzida pela lógica instituída em nossos programas de pós-graduação, por exemplo.

Neste sentido, Bracht busca refletir se é possível reconciliar a “educação física ciência” e a “educação física vida” (p. 4). Ao discorrer sobre o assunto, o autor recorre a grandes nomes da filosofia para propor a necessidade da área realizar o “exercício da autocompreensão” como forma de superar o *modus operandi* vigente na ciência atual, isto é, romper com a lógica da mera reprodução de conhecimento.

No segundo capítulo, intitulado “*Natureza//cultura; natureza X cultura; natureza ~ cultura: o conceito de desenvolvimento na constituição da educação física na escola*”, Edison de J. Manoel nos apresenta a relação entre o conceito de desenvolvimento e de educação, desde sua aparição em “Emílio” de Rousseau (1762), na qual há uma clara cisão entre natureza e cultura a orientar o fazer pedagógico, passando pelas fases higienista (a ginástica como forma de aprimoramento sistemático do corpo físico e dos sentidos) e psicoeducacional (voltada à elaboração de currículos com base na sequência de desenvolvimento/etapas) de apropriação do termo entre os séculos XIX e XX.

Tomando os escritos de Rousseau como “um tratado sobre o desenvolvimento infantil com orientação pedagógica” (p. 29), o autor destaca aquilo que dá centralidade às ideias rousseauianas: o resgate da natureza humana, de forma tanto a prescrever um modelo universal a ser convencionalizado pela natureza humana e não pelas condicionantes históricas, sociais e/ou culturais que perpassam a formação do sujeito.

Por fim, Manoel reforça a importância das ciências naturais e humanas atuarem em parceria, sem a preocupação de comporem uma ciência única, mas sim ratificando a necessidade de contribuir para o exercício diário de fomentar um olhar ampliado de mundo, de homem e de ciência na academia.

Na discussão trazida por Fensterseifer, Pich e Silva, “*Fazer filosofia desde a Educação Física: um modo não metafísico de pensar*”, há a ratificação do *leitmotif* desta coletânea de artigos, qual seja, se lançar enquanto espaço aberto de reflexão voltado, especificamente neste texto, à relação entre a Educação Física e a Filosofia. Os autores destacam a imperatividade de assumirmos na universidade uma postura inexoravelmente disponível ao diálogo, pois este deveria ser o seu elemento caracterizador, se tomarmos como referência a universidade em seu sentido *lato*. Tal postura implica no reconhecimento da multiplicidade de sentidos e interpretações que a linguagem porta. Logo, trata-se de assumi-la como uma produção humana na qual não cabem explicações universais, pensamentos reducionistas ou verdades absolutas.

Assim, ao pensarem o fazer filosófico na Educação Física, os autores propõem o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos a partir dos quais a área foi forjada, sem negar sua trajetória histórico-política, realizando criticamente a análise deste processo no sentido de refletir filosoficamente sobre (e a partir) (d)as demandas humanas cotidianas.

No capítulo “*Educação Física em perspectiva semiótica: a investigação científica para além das dicotomias*”, Betti, Silva e Gomes-da-Silva propõem-se a trilhar um percurso pautado na teoria semiótica para avançar na superação da discussão que mantém a Educação Física presa ao pensamento binário, segundo o qual ou se lê o mundo pela lente das ciências humanas, ou se lê pela lente das ciências biológicas,

situação que conduziu a área, inclusive, a criar/distinguir dois campos de formação profissional: a licenciatura e o bacharelado.

A fim de situar o leitor sobre o campo ontológico e epistemológico a partir do qual falam, os autores apresentam brevemente as escolas americana e europeia de semiótica e baseiam-se na perspectiva da semiótica peirciana (o reconhecimento da existência de múltiplas formas de apropriação que cada ciência faz do método geral de pesquisa, dotando-lhe dos contornos necessários/adequados a apreensão do fenômeno que se pretende investigar) para concluir que a persistente dicotomia entre ciências humanas e ciências biológicas no interior da área da Educação Física diz mais sobre as relações de poder e hierarquização de saberes/instituições que a compõem, do que sobre a suposta incompatibilidade existente entre os diferentes métodos interpretativos.

Deste modo, questionam a atual política científica instituída em nosso país por privilegiar um modo de fazer ciência capitaneado pela competição e pelo produtivismo, sugerindo ser mister a realização de um trabalho pautado na parceria para a superação deste modelo predatório de produção do conhecimento.

Na sequência, Jocimar Daolio assina o artigo “*Educação Física e pesquisa sociocultural*”, iniciando com o resgate do processo de “desbiologização” da área ocorrido nos anos 1980 e sua atual “rebiologização” no contexto da crescente reificação da área da saúde para explicar, diagnosticar e prescrever modos de vida saudável.

A partir deste recorte, o autor pretende mostrar que a Educação Física, mesmo tendo passado por estes diferentes momentos, não deve se esmerar em interpretar o ser humano apenas por suas determinantes biológicas, como fez em determinado momento de sua história e faz novamente nos dias de hoje. Daolio endossa o coro dos pesquisadores da área sociocultural da Educação Física ao reconhecer a multiplicidade de teorias necessárias à leitura dos fenômenos da área, situando o corpo humano e as práticas corporais no campo da cultura e lendo-os sob o prisma da antropologia social.

Como forma de esclarecer seu ponto de vista, o autor apresenta os elementos fundantes da pesquisa qualitativa, com ênfase nos pressupostos teóricos da pesquisa etnográfica, aplicados em exemplos de estudos realizados pela área sociocultural da Educação Física. Com este percurso o autor pretende evidenciar a importância da cultura enquanto elemento simbólico forjado no cotidiano das relações humanas, portanto portador de múltiplos sentidos e, por isso mesmo, dotado de um olhar mais humanizado sobre a dinâmica própria do campo de pesquisa em Educação Física.

Avançando na proposta desta coletânea de apresentar uma reunião de textos da área da Educação Física pela lente das ciências humanas, Carvalho, Gomes e Fraga nos trazem “*Educação Física + Ciências Humanas + Saúde*” como uma síntese dos conceitos norteadores das investigações produzidas por seus grupos de estudos acerca tanto das políticas públicas de saúde, quanto da produção de conhecimento, formação e intervenção profissional em Educação Física para a atuação no campo da saúde coletiva.

Para tanto, os autores organizam os conceitos básicos utilizados em três caminhos distintos que conduzem a uma complexa provocação do que possa vir a ser a ideia de “+ saúde”, dentro da combinação “educação física + ciências humanas + saúde”. Deste ponto de vista, concluem que a ideia de “+ saúde” implica em: romper com a lógica instituída da imprescindibilidade do saber reificado na produção e na condução de modos de vida adequados; desvelar os discursos da biopolítica informacional que insistem em exercer o controle sobre os corpos, determinando os estilos de vida aceitáveis e condenando aqueles que não se encaixam no modelo

imposto; resgatar as práticas corporais como práticas de saúde e práticas do “cuidado de si”, extrapolando a noção do mero autocuidado e avançando no sentido de refletir e agir de modo mais justo e ético nas relações cotidianas.

Em “*O lazer entre a conteudização e a compreensão: olhares das subáreas da Educação Física*”, Stigger e Myskiw retomam o debate sobre a cultura científica e as formas de fazer ciência nos bancos universitários brasileiros, a partir de observações e experiências vividas, sobretudo, na área da Educação Física. Sendo assim, destacam o peso dos embates político e acadêmico na produção de conhecimentos ajustados à lógica vigente nas pós-graduações, além de se proporem a refletir e comparar os modos de apropriação do lazer pelas subáreas da biodinâmica e da sociocultural-pedagógica.

Concluem Stigger e Myskiw que os estudos da área biodinâmica quando investigam o lazer, o fazem sem a necessidade de estabelecer aproximações com as teorias próprias deste campo acadêmico-científico, uma vez que o lazer aparece como pano de fundo da pesquisa e não como objeto a ser apreendido. Enquanto na subárea sociocultural-pedagógica, o enfoque dado nos estudos tende a priorizar o diálogo entre o campo do lazer e suas bases teórico-históricas. Tal diferença de tratamento conferido à temática do lazer entre as referidas subáreas tende a obscurecer, ainda mais, a identificação de quem são os especialistas neste campo de estudo.

O capítulo “*Recorte dos estudos no campo da educação física*”, traz as reflexões de Lovisolo, Vendrusculo e Góis Junior sobre discussão já posta em outros artigos da coletânea e, de certa maneira, também caracterizada como o fio condutor da obra: o processo de (des)biologização e de (re)biologização da educação física. Nele os autores procuram descrever e interpretar o contexto político no qual se deu a (des)biologização da área; na sequência analisam criticamente o processo de crescimento e estabilização dos programas de pós-graduação em Educação Física, os quais acabaram por criar critérios de avaliação e produção científica que privilegiam a sobrevivência de pesquisadores vinculados às áreas duras/biológicas, em detrimento da cada vez mais reduzida área de sociais/humanas e, por fim, lançam mão dos resultados de uma tese de doutorado sobre “envelhecimento, velhice e atividades físicas” (p. 192) para provar que, com o passar dos anos, houve uma radical guiada em direção às ciências biomédicas dentro dos estudos realizados nas pós-graduações em Educação Física. De modo que, afirmam os autores, uma análise dos temas atualmente investigados nas pós-graduações da área nos conduz facilmente à conclusão de que os estudos de natureza qualitativa, baseados nas ciências sociais/humanas deixaram de existir na Educação Física. Logo, temos um sério quadro de alijamento da diversidade de conhecimentos se consolidando na área novamente.

Na esteira desta discussão, chegamos ao artigo “*O que a história da educação tem a dizer sobre o campo da educação física e seus contornos atuais*”, de Taborda de Oliveira. Aqui encontramos o mesmo esforço no sentido de produzir uma argumentação para, se não explicar, ao menos refletir sobre as razões do predomínio das ciências da saúde no campo da Educação Física. Para tanto, o autor inicia sua jornada retomando o conceito de ciência, seus usos e as relações de poder que a caracterizam e perpassam.

Questionando as reais intenções por detrás da postura excludente da área que, geralmente, mantém as ciências humanas e sociais à margem do universo acadêmico na Educação Física, Taborda de Oliveira critica duramente esta forma de fazer ciência que nega a riqueza da diversidade de olhares na leitura dos fenômenos e retroalimenta uma lógica perversa de produção científica alinhada aos ditames do mercado de consumo.

Em “*A educação física e os centros de memória nas universidades brasileiras: produzindo fontes, saberes e tecnologias*”, as autoras Goellner e Macedo se dedicam a defender os avanços conquistados pela área de estudos socioculturais na Educação Física, a partir da emergência e consolidação dos centros de memória. Assim, ao apresentarem os Centros de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer de nosso país, as autoras reforçam a importância do trabalho realizado nestes espaços no sentido de dar o tratamento adequado às fontes historiográficas, apontando para o fato de que tal iniciativa acaba por abrir novas perspectivas de produção de conhecimento, uma vez que se tem o material organizado, sistematizado, disponível e preservado. Em última análise, ações desta natureza corroboram, segundo as autoras, para o desenvolvimento de uma Educação Física mais humana, pois influencia diretamente nos campos de pesquisa, formação e intervenção de profissionais da área.

Para finalizar, no último artigo, “*Formação de professores de educação física + humana(s)*”, Wittizorecki e Molina Neto escrevem um provocativo texto sobre a possibilidade de formarmos professores de educação física mais humanizados e se a própria área pode vir a assumir uma postura mais humanizadora em sua intervenção. A fim de responder à questão: “como o campo da formação dos professores tem contribuído com a humanização na educação física?” (p. 240) os autores se reportam ao filme *Blade Runner – o caçador de androides* para enfatizar aquilo que nos torna humanos: a memória, a história, os sentimentos e as experiências vividas. Cientes ou não desta nossa condição humana, o texto deixa em aberto o lastro para a necessária reflexão sobre os professores que formamos e os que gostaríamos de formar.

Como podemos observar, trata-se de uma obra plural empenhada em fomentar o debate e a reflexão acerca da dicotomia existente entre ciências biológicas e ciências humanas na Educação Física. Dicotomia esta historicamente estabelecida na área, mas que necessita ser superada e substituída por um olhar mais humano, de integração, interação e parceria entre as diferentes subáreas do conhecimento.

Recebido em: 11/10/2016

Aprovado em: 15/12/2016